

A construção da informação em sala de aula: Uma prática alfabetizadora no Projeto Escola Zé Peão

Bernardina Maria Juvenal Freire¹
Mirian de Albuquerque Aquino²

ABSTRACT: The articles analyses classroom discourse in terms of information structure by classroom teachers. The authors argue that the way teachers organize topics and subtopics in the classroom, exploring the contribution supplied by the students, may help the students appropriate these information structures and contribute to their development.

RESUMO: O texto tem por base os resultados da pesquisa que realizamos para nossa dissertação de Mestrado, que se intitulou Paixão de Informar: Práticas Alfabetizadoras no Programa Tijolo sobre Tijolo – Projeto Escola Zé Peão em Canteiros de Obras. Serviram de objeto de estudo as práticas informacionais de professores e alunos construídas no processo interacional na Educação Popular de Jovens e Adultos.

KEYWORDS: information practices, classroom, information construction, student/teacher relationship

PALAVRAS-CHAVE: práticas informacionais, sala de aula, construção da informação, relação professor/aluno.

¹ Professora da UFPB e Mestra em Ciência da Informação

² Professora da UFPB e Doutora em Educação

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

O TÓPICO INFORMATIVO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Diferentemente da visão que a define como estruturas significantes, que se operacionalizam através de práticas bem definidas (Barreto, 1994), a construção da informação é aqui compreendida como algo capaz de provocar mudanças na estrutura sócio-cognitiva do sujeito que age e interage, através de suas práticas sociais. Partimos do entendimento de que as práticas informacionais em sala de aula são constituídas pelas ações verbais e não verbais de sujeitos sociais que interagem para construir a informação. Nesses termos, a informação é uma prática social que tende a contribuir para a formação crítica dos sujeitos que interagem no ambiente escolar.

O estudo do tema informação possibilitou-nos compreender os diversos tipos de informação. Nas aulas aqui analisadas, identificamos um tipo de informação: o “tópico informativo”, que significa o eixo aglutinador da aula, em torno do qual, o professor estrutura o conteúdo. Entendemos tópico no sentido atribuído por Rodrigues (1995, p.20) *é aquilo a respeito do que se fala, é, e deve ser desenvolvido pelos interlocutores*. A compreensão da noção de tópico parece-nos de extrema importância para o entendimento da organização informacional em uma turma de jovens e adultos, em processo de alfabetização. É para o tópico informativo que devem convergir as perguntas e as respostas numa dada aula. Nas aulas que analisamos, foram levantados os seguintes tópicos informativos: “Pontos Turísticos Paraibanos” (Aula 1), “Lazer” (aula 2), “Saúde” (Aula 3), “Seca” (Aula 4) e “Prevenção de Acidente de Trabalho” (Aula 5).

O estudo do tópico informativo, em uma determinada aula, supõe uma atividade conjunta, numa relação simétrica, isto é, há uma relação de correspondência, mesmo que parcial entre os integrantes da interação. Essa relação de construção informacional, na Análise da Conversação, segundo Rodrigues (1995), se desenvolve tendo como fundamento a *centração e organicidade*. A centração consiste no falar em torno de algum tema, implicando a utilização de referentes explícitos e inferíveis. Ela norteia o tópico, de modo que possibilite o surgimento de subtópicos ou novos tópicos informativos.

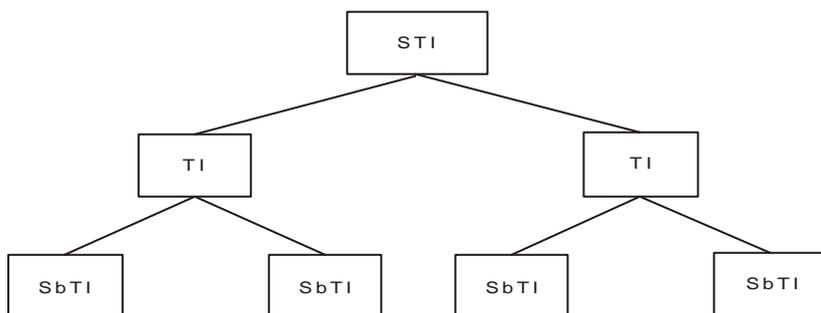
A organicidade é caracterizada pela relação de interdependência linear e vertical estabelecida entre o tópico (TI), subtópicos (SbTI) e os

supertópicos informativos (STI). A noção de linearidade está ligada à introdução de novas informações que possibilitam ampliar as discussões em torno de um tópico informativo. Esta noção agrega ainda, segundo Rodrigues, dois conceitos básicos: *continuidade e descontinuidade*.

A continuidade é a organização seqüenciada dos tópicos, de modo que a abertura de um se dá após o fechamento do tópico precedente. Em outras palavras, um novo tópico deverá ser iniciado somente após a conclusão do tópico em discussão. A descontinuidade decorre da interrupção seqüencial do tópico informativo. É a introdução de novo tópico sem a devida conclusão do tópico anterior, possibilitando ou não retornar ao tópico anterior.

A noção de *verticalidade*, também utilizada por Rodrigues, diz respeito às relações de interdependência estabelecidas entre os tópicos, de acordo com o nível de abrangência da informação, ou seja *fraca, forte ou rica*, conforme lembra Morin (1986). Estas noções podem ser explicitadas no seguinte esquema:

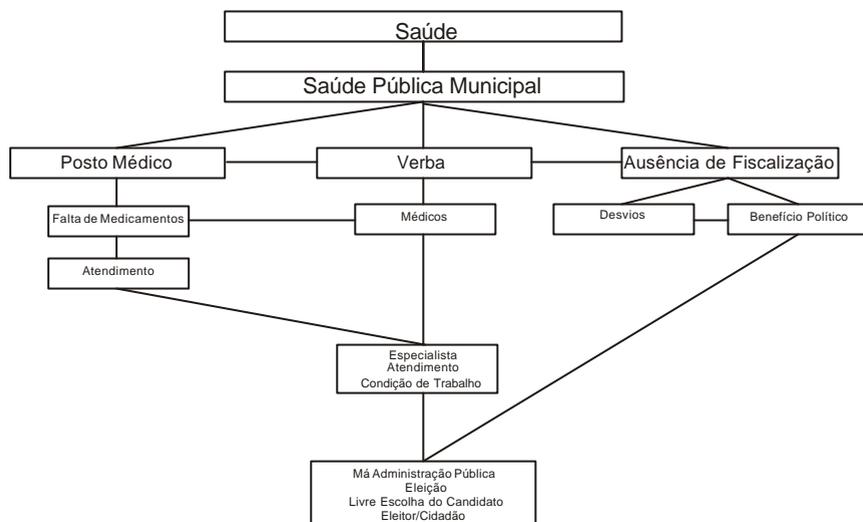
Quadro tópico informativo



Após a identificação do Tópico Informativo, buscamos identificar, num segundo momento, o que denominamos de Subtópico Informativo, que, no nosso entender, significa as possibilidades e dimensões discursivas de um tópico informativo, ou seja, os conteúdos (informações) surgidos a partir do tópico principal, e cuja capacidade discursiva poderá ampliar, reduzir ou desviar do objetivo central para o qual a aula

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

foi preparada, conforme nos revela o esquema elaborado, a partir da análise da aula 3



Os subtópicos informativos aparecem em todas as aulas observadas, algumas, com maior ou menor flexibilidade. Esta depende da possibilidade de ampliação oferecida pelo tópico informativo e da capacidade construtiva tanto do professor quanto do aluno, podendo, com isto, ocorrer ganhos ou perdas de informações, ou também prejuízos em não atingir o objetivo principal a que se propôs inicialmente a aula. Os sujeitos (alunos e professores) vão construindo novos subtópicos, a partir de seu contato inicial com o tópico informativo e de sua interação com a realidade.

Nessa abertura ilimitada, que possibilita determinado tópico informativo, visualizamos o papel a ser exercido pelo professor, que acreditamos ser capaz de organizar as múltiplas informações comunicadas em sala, em torno de um tópico informativo, elegendo assim os principais subtópicos, a fim de desviar os objetivos propostos pelos sujeitos, no percurso da elaboração da aula. A esse professor compete retornar ao tópico informativo e privilegiar outros sem perder as in-

formações transmitidas e geradas pelos alunos, conforme revela a fala da professora, a seguir:

Aula 3

Contexto: Os alunos falavam, discutiam, discordavam. Outros riam com a analogia feita pelo aluno. A professora interagiu com os alunos, entretanto, resolve retomar a discussão, pois o tumulto começava.

Enunciado 22

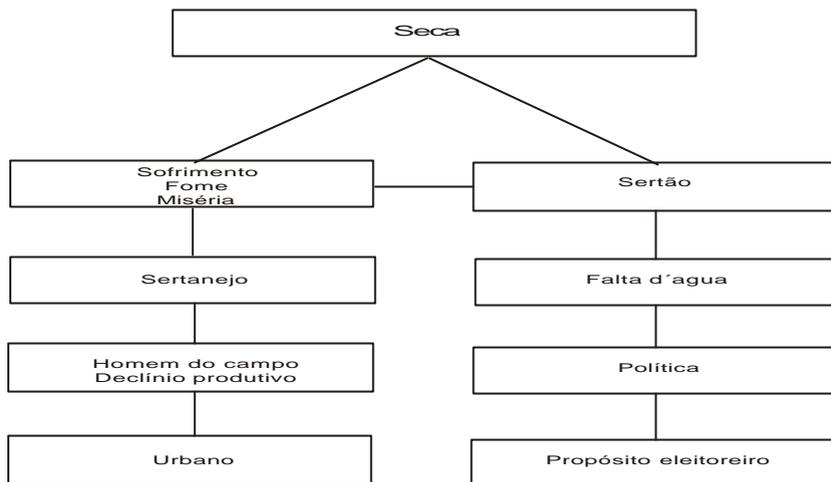
158	Pa3: Vamos lá, voltando aqui, né, o porquê do mau profissional. Vocês colocaram a questão da má administração e a questão do salário baixo. Existe alguma outra coisa, não?
-----	--

Na fala acima, a professora retoma o subtópico informativo “Saúde Pública Municipal”, a partir de um outro subtópico – “Atendimento Médico” - que gerou dois novos subtópicos informativos: “Baixos Salários” e “Má Administração”. Durante todo o processo comunicativo, estes subtópicos aparecem com bastante ênfase e repetição. Nesta situação, cabe ao professor compreender o aluno, sua ideologia, a fim de ajudá-lo na construção de novos subtópicos ou novas informações. Aqui é preciso que o professor permita que o aluno expresse seu pensamento em relação ao tópico informativo, mesmo que crie e recrie novos subtópicos, como nos ensina Habermas apud Scocuglia (1997, p.84):

...o educador deve ser um inventor e um reinventor constante dos meios e dos caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educando. Sua tarefa não é a de servir-se desses meios e desses caminhos para desnudar, ele mesmo, o objeto e, depois, entregá-lo, paternalisticamente, aos educandos, a quem negasse o esforço da busca, indispensável, ao ato de conhecer.

Alguns tópicos informativos, entretanto, restringem a criação de inúmeros subtópicos, como veremos no esquema elaborado, a partir da aula 4.

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA



Os subtópicos presentes nesta aula convergem para o tópico informativo SECA, de forma linear não permitindo desvios, mas a ampliação do tópico. Essa relação pode ser representada da seguinte maneira:

SECA = falta d'água ⇒ sertão ⇒ fome, sofrimento, miséria ⇒ ao homem do campo, ao sertanejo ⇒ improdutividade ⇒ população urbana = SECA ⇒ Questão Política ⇒ serve como trunfo eleitoral ⇒ SECA.

Em nosso entender, concentrar os subtópicos em torno do tópico informativo de forma linear nem sempre é possível, principalmente, quando esse tópico permite criar múltiplos subtópicos, que também assumem a posição de tópicos informativos durante a mesma aula, como foi identificado na aula 3. O subtópico informativo “Saúde Pública Municipal” gerou outros subtópicos informativos, permitindo que alguns desses subtópicos, a partir de um outro subtópico informativo, assumam naturalmente, a posição de tópico informativo. Isto devido à importância que ocupou durante as discussões, fazendo emergir novos subtópicos, também importantes como atendimento médico, má administração dos serviços de saúde e baixos salários, subtópicos informativos, que gerariam outras discussões e novos subtópicos.

BERNARDINA J. FREIRE, MIRIAN AQUINO

A escolha do Tópico Informativo vai incidir diretamente na construção do que estamos chamando de *estoques informacionais*, entendidos, neste trabalho, como um acúmulo de vários subtópicos informacionais transferidos e socializados, de maneira superficial, como indica o diálogo instaurado na aula 1, quando a professora solicita que os alunos falem sobre outros subtópicos do tópico informativo – “Pontos Turísticos”:

Aula 1

Contexto: Os alunos se mantinham em seus lugares, todos atentos às perguntas da estagiária.

Enunciado 23

25	E: Outro lugar? Todo mundo aqui já conhece a Bica? Conhece, né?
26	A3: Praia da Penha
27	A7: Também aqui em Intermares o Water Park
28	E: Também, né, o Water Park, um parque pro pessoal ir lá brincar, escorregar, é também um ponto turístico.
29	A5: Espaço Cultural
30	E: Espaço Cultural, certo?
31	A8: Museus também.
32	E: Muito bem. Outro lugar? Vocês já ouviram falar na praia de Tambaba?
33	A9: Já.
34	E: Já, né? Sabem como ela é, né? Bem pra frente, o povo toma banho nu, né, bem à vontade, é uma praia muito bonita. Olhe aqui [apontando para o cartão postal afixado no painel], aqui tem a fotografia da praia, uma vista bem... e aqui uma fotografia do pessoal tomando banho, certo? E essa igreja aqui vocês já ouviram falar nela? Já viram?

No diálogo acima, os subtópicos informativos (Praia da Penha, Water Park, Espaço Cultural, Museu, Tambaba e Igreja) foram abordados rapidamente pela professora. Quando se referiu a Praia de Tambaba (turno 34), ela não ampliou satisfatoriamente a discussão em torno de outros subtópicos que tinham relação com o assunto. Do nosso ponto de vista, ao abordar esse tópico informativo, a estagiária e/ou a professora poderia ter estabelecido uma relação com a questão ecológica, natura-

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

lista. Entretanto, a tímida atitude da estagiária se torna mais evidente quando o tópico, em discussão, remete para o subtópico nudismo.

Ao abordá-lo, ela demonstra um certo constrangimento que parece convergir para uma atitude inadequada em sua função pedagógica, também reforçado pela atitude da professora, que mesmo presente em sala, não interferiu, permanecendo calada todo o tempo. A atitude da estagiária pode ser percebida quando ela diz: “sabem como ela é, não é? Bem pra frente, o povo toma banho nu, bem à vontade (...)”. Além disso, ela imediatamente passa para um outro subtópico Igreja, como revelado nessa fala “E essa igreja aqui vocês já ouviram falar nela? Já viram?”, sem fazer qualquer ligação com o subtópico anterior (Tambaba – praia de nudismo).

Aqui é possível perceber que todos os subtópicos foram trabalhados, isoladamente. A professora interrompeu a discussão, entrando, abruptamente com o subtópico Igreja, que, logo em seguida, foi interrompido para retomar o subtópico praia, mas não se referiu, novamente, à praia de Tambaba com o seu nudismo aparente, mas, optando pelo subtópico praia de Jacumã, como mostra o enunciado seguinte:

Aula 1

Contexto: Os alunos estavam quietos. A estagiária falante, gesticulava, enquanto mostrava os cartões.

Enunciado 24

36	E: É a igreja de São Francisco, aqui foi um convento. Tem a praia de Jacumã, praia de Coqueirinho e essa aqui, [apontando para o cartão postal] é a praia do Poço.
----	--

Outro flagrante dessa atitude da estagiária e da professora, em relação ao tratamento e construção da informação, ocorre nessa aula, nos turnos 54 a 58, quando deixam passar grandes oportunidades discursivas, que contribuiriam, a nosso ver, para a formação do aluno enquanto cidadão, sobretudo, no que diz respeito ao reconhecimento desse aluno como sujeito histórico e social. Vejamos o que se apresenta:

Aula 1:

Contexto: A interação é contínua, exceto por parte da professora, que permanece quieta, encostada na parede. Causa-nos a impressão de que ela não está presente.

Enunciado 25

54	E: Tem algum outro lugar no interior de vocês que vocês acham que deveria ser um ponto turístico? Tão bonito. Diferente?
55	A11: Na minha tem o Parque dos Dinossauros
56	E: Ah... Em Souza, já foi lá, já olhou bem direitinho, já observou?
57	A11: Já. Mas só tem umas pegadas e mais nada.
58	E: E outro lugar? Tem outro lugar que vocês gostariam de ver que realmente é bonito que chama a atenção de vocês? De repente vocês viram na televisão e aí ficaram “meu Deus!” Será que um dia eu vou conhecer esse lugar! Tem algum lugar assim que vocês gostariam de conhecer?

Especificamente, no turno 54, ao perguntar sobre um ponto turístico existente na cidade de origem de um aluno, a professora instiga-o a fazer uma auto-reflexão, oportunizando-o a compreender seu território como um lugar que possui dimensões turísticas. Ao receber a resposta, ela, imediatamente, identifica a localidade geográfica, em que reside o aluno (turno 56). Todavia, não aproveita essa informação para ampliar as informações acerca da importância da preservação do sítio arqueológico como patrimônio da região nordestina e de nossa história cultural. À medida que o professor não possibilita essa reflexão, contribui para reforçar uma visão limitada, que só permite ver o parque apenas como um local que tem umas pegadas e mais nada, conforme expressam as palavras do aluno, no turno 57. Nesse caso específico, não há indicações de que o aluno esteja familiarizado com o valor histórico do sítio. As informações transferidas em sala pouco contribuem para reelaborar seus conhecimentos e construir novos sentidos a respeito do tema em questão, ampliando seu estado atual de conhecimento. Em outras palavras, ao passar para o turno seguinte (58), a professora parece não reconhecer a significativa informação que o aluno traz para o tópico informativo, valorizando esse monumento como ponto turístico e histórico do Estado da Paraíba.

Uma outra questão interessante, trazida no turno 59 como resposta à indagação feita pela professora no turno anterior, com relação ao desejo de conhecer determinado ponto turístico, conforme a manifesta o

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

enunciado 26, turno 59, da aula 1: A1: “Ter tem. Mas condição de conhecer, né”

O aluno explora uma condição que está ligada à questão turística que incide diretamente na exploração do turismo. Nesse tópico, a questão financeira é tratada, explicitamente, pelo interlocutor e minimizada pela professora, pois não há indícios de que esta aborde a questão como um fato concreto na vida do aluno. Do nosso ponto de vista, ela poderia ter falado da falta de condição financeira que o impede de realizar determinados sonhos. É a sua concretude, entremeando o espaço da sala de aula, sem que a professora atente para a importância de argumentar e desmistificar a realidade do aluno, a qual parece incorporar a idéia de o turismo estar apenas ao alcance de um grupo privilegiado, financeiramente.

Essa situação aponta para uma outra oportunidade desperdiçada nessa construção da informação, já que esta se centraria em ampliar o espaço do cidadão para reconhecer outras formas de turismo. Esta questão é retomada no turno 78, através da interferência da pesquisadora que tenta contribuir, exemplificando uma nova forma de turismo, possível de ser executada com um custo menor, principalmente, em cidades interioranas. Vejamos a fala, a seguir

Aula 1

Contexto: A professora, agora, resolveu falar, esclarecendo aos alunos como eles poderiam produzir um texto sobre turismo. Nesta ocasião, a pesquisadora, que se mantinha calada, interferiu.

Enunciado 27

78	Pesquisadora: Ah, ainda tem um tipo de turismo que hoje é muito utilizado: o chamado turismo ecológico, por exemplo, em Santa Rita. Há poucos dias, houve a cavalgada ecológica: um novo tipo de atração turística para pequenas cidades.
----	--

As contribuições da pesquisadora, no que diz respeito ao subtópico em questão, parecem não ter sido adequadamente utilizadas pela professora. Isto leva-nos a supor que uma alternativa turística fora desperdiçada, já que parece não haver ficado claro para o aluno essa possibilidade, principalmente, dentro do contexto de sua realidade.

BERNARDINA J. FREIRE, MIRIAN AQUINO

Essa cena se repete, agora, em outras aulas como mostram as passagens explícitas nas aulas 2, 4 e 5. Na aula 2, a professora retoma o tópico informativo “Lazer”, que já havia sido trabalhado na aula anterior. Para reintroduzi-lo, utiliza-se da gravura extraída do Livro “Benedito o Homem da Construção”. Ao mesmo tempo, faz uma série de perguntas à classe, uma após outra, sem que as respostas lhe sejam fornecidas, pois ela mesma responde. Dessa aula, recortamos para análise a seqüência abaixo:

Aula: 2

Contexto: A professora parecia estar um tanto nervosa. Não tinha muita concentração, parecendo estar perdida.

Enunciado 28

17	Pa2: Isso, A8, a gente tá fazendo uma análise de ontem né. Vocês viram o que é lazer? Outras formas de lazer, né? Aí eu trouxe essa gravura aqui e já disseram que são os alunos do Zé Peão, na hora de lazer deles, escolheram o dominó. Já falaram outras formas aí, a sueca, bater papo com os amigos, ver as pessoas passarem na rua, aqui a gente pode perceber que tá causando bem-estar pra eles, né, e pode ser numa hora de almoço, num final de expediente. Agora ele falou que de repente num jogo desse pode soltar palavrão e tá a família com criança e criar um problema agora qual outro problema pode causar? O bem causa né? Um bem que a gente já vê aqui que distrai.
18	A9: Se brincar apostando ainda pode ser pior, né?
19	Pa2: Ainda tem outro problema, qual?
20	A4: /.../
21	Pa2: Já vimos três problemas que ele pode causar e só vimos uma coisa boa, né, que mais será que tem? Tem mais alguma coisa ou será que só causa problema, coisa boa que ele pode, qual?
22	A10: Vamos esquecer dos problemas ((Risos))
23	Pa2: Isso mesmo. Agora eu vou distribuir o texto pra vocês. Vocês vão ler, tá? Primeiro, vamos ler isso. Já viu o jogo dos trabalhadores da construção civil? é já acharam tijolo e...

Retomando a discussão, começamos, novamente, por destacar a inconsistência com que vem sendo trabalhada a construção da informação em sala de aula. Ao retomar o tópico informativo “Lazer”, a profes-

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

sora inicia sua fala (turno 17), dizendo tratar-se de uma análise da temática discutida no dia anterior, e inicia a partir do subtópico “jogo” enquanto forma de lazer, já que a gravura apresentada mostrava alguns homens jogando. Em seguida, ela começa a indagar sobre possíveis problemas que poderiam causar uma partida de dominó, ao dizer, agora, qual outro problema pode causar? (turno 19). A nosso ver, a preocupação da professora não ficou bem explícita.

Em sua fala, ela deixa transparecer que o jogo de dominó é causador de problemas, quando, poderia ter informado aos alunos sobre as conseqüências que podem ser causadas em qualquer atividade, quando esta é praticada sem controle. A professora poderia ter chamado a atenção para os excessos praticados em atividade de lazer pelos sujeitos, ou seja, como determinante e não a atividade em si, como fica implícito, nos turnos 18 a 23 da seqüência anterior. Neste caso, as informações veiculadas não aprofundaram conceitos e muito menos serviram para mudanças interiores, como nos asseguram Brookes (1980) e Belkin (1990).

Na aula 4, com tópico informativo “Seca”, presenciamos a construção da informação, de maneira que nenhuma relação entre o tópico selecionado e os subtópicos foram apontados. Nessa aula, o professor não encontrou condições favoráveis para aprofundar o tópico informativo, pois o ambiente da sala de aula estava completamente tomado por materiais de construção, que exigiu muito tempo em sua organização. Este fato contribuiu para que a discussão fosse reduzida.

Entretanto, o professor sugeriu outra oportunidade para retornar ao assunto, propondo outra aula no dia seguinte e não mais naquele espaço, mas dentro da própria universidade. Como primeira atividade, o professor procura estimular a presença do aluno, valorizando-o por ter vindo à escola, após um dia fatigante de trabalho. Apesar das péssimas condições encontradas no ambiente, eles fazem a cena. Naquela ocasião, o professor demonstrava inquietude pela situação em que encontrara o espaço físico. Os alunos estavam acomodados um bem próximo do outro, de modo que mal podiam mexer-se. Mas, num ato de bravura, o professor respirou profundamente, e explicou, como ilustra o enunciado 29:

Aula 4

Contexto: O professor estava constrangido em ministrar a aula naquela sala. Os alunos mal podiam se mexer. Era constrangedor. O profes-

sor manteve-se em pé, durante todo o tempo, pois não havia espaço onde se colocasse uma cadeira para ele.

Enunciado 29

5	Pa4: (...) bem, hoje estamos sem condições de dar aula, e assim, mas assim mesmo, pra gente não perder a viagem. É, pelo pra gente e pra vocês também, é é a gente fazer, é é uma pequena discussão. Vou dar um texto pra gente ler, certo? Vou distribuir, aí a gente vai fazer essas leituras do texto. Fazer alguns comentários, pra depois, a gente aprofundar. A gente vai tentar arranjar mais material. Vai ter a exposição de fotografias lá lá na Universidade, então, nós vamos conhecer, é, nós vamos pro auditório também assistir um filme lá. Um pequeno documentário sobre a seca (..)
---	--

E inicia sua aula instituindo uma discussão oral, a partir do entendimento do aluno em relação ao tópico informativo “Seca”.

Contexto: Os alunos se mantinham calados, ouvindo atentamente a fala do professor.

Enunciado 30

10	Pa4: (...) então, minha gente, antes disso, o quando a gente fala em seca, o que e a gente é, que palavra vem à mente da gente, quando fala em seca. Quando eu digo seca, a seca tá brava lá no sertão, por exemplo, o que é que vem a mente? Alguma coisa que que ou como justiça. Lembram da palavra justiça? O que a gente fez cada um, sei lá, pronto. Seca, quando a gente escreve a palavra seca ou fala a palavra seca, a seca está brava. O que é que vem a mente da gente? Uma palavra?
----	---

Ao formular a pergunta para os alunos com a solicitação de que fossem apresentados os subtópicos para a construção, o professor não propiciou uma abertura discursiva, para que os alunos pudessem responder. Eles prestavam atenção, mas se mantinham calados, o que alertou o professor, que respondeu dizendo, conforme demonstra o registro contido no turno 16 do enunciado 31: Pa4: É, eu vou mudar a pergunta. Seca lembra o que pra gente?

Com a reformulação da pergunta, instaura-se o debate e a construção oral de novas informações. Ao mudar sua estratégia de pergunta,

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

o professor possibilita o que Coulon (1995) denomina de *marcadores escolares de competência*, enquanto habilidade de reformulação de uma situação problema, que o aluno apresenta dificuldades. Tal situação exige uma mudança de estratégia, estabelecendo um tipo de interação propícia à construção de novas informações.

Tentando descobrir, também, o que havia implícito em determinadas informações veiculadas pela mídia em torno do tópico informativo, o professor, sutilmente, questiona, e o aluno completa a questão, como podemos verificar nas passagens registrada na aula 4 do enunciado 32:

Aula 4

Contexto: O professor fala, indaga, problematiza, e os alunos respondem, e também fazem seus questionamentos. A aula vai-se desenrolando numa verdadeira interação. É perceptível a fala dos sujeitos.

Enunciado 32

47	Pa4: Agora me diga uma coisa: por que é que a TV parou de falar da Seca? Só falava naquela época que eu trouxe o vídeo pra cá, né? No Jornal Nacional, tão lembrado disso aí, né? Só o A3 é que não estava presente. Tu tavas, né, [apontando para o aluno que responde balançando a cabeça positivamente] e todo dia saía, né, a notícia da seca no nordeste, o povo morrendo de fome, aí, o governo começou a distribuir é comida. Assim, é dar cestas básicas, começou a ter é empregos, também é entidades, é civis, né, se organizaram. Mandaram alimentos, né, escolas também mandaram alimentos, pro pessoal flagelado da seca. Aí, de repente pára, pára de falar da seca. É como se estivesse tudo acabado. E acabou?
48	A1: Sabe por quê?
49	Pa4: Diga
50	A1: Naquele tempo, eles estava tapeando para enganar, né?
51	Pa4: Enganar, por quê?
52	A1: Pra subir pra cima. Aí, agora eles já subiu. Agora eles não têm mais contas a ver. Ai deixa por conta do rolamento. Agora, naquela época, eles tava só tapeando os besta, né? Agora já subiu né? Aí, vai se importar mais. Agora ele vai só puxar esses quatro anos, puxando o nó, devagarzinho, impressando, impressando, quando a coisa apertar, ele afrouxa uma coisinha. Quando, quando ele vê que a coisa vai indo uma coisinha, ele começa a apertar de novo. Até chegar no final do nó. Ou então, deixa o nó e vai apertando devagarinho.
	Ao referir-se a ele, o aluno refere-se às autoridades políticas, mais especificamente, ao Presidente da república e ao Governador.

BERNARDINA J. FREIRE, MIRIAN AQUINO

53	Pa4: Alguém quer completar alguma coisa? Heim, A3? O que é que tu achas? Por que a TV nunca mais tocou no assunto? Por que será que de repente pararam de falar, se a gente sabe que a seca não acabou, né. Até os testemunhos aqui, confirmam isso, né? Então porque você acha?
54	A5: É certo.
55	Pa4: Por que a TV não falou mais sobre a seca?
56	A3: Sobre a seca eu não sei nem explicar.
57	Pa4: Sabe homem, vá pensando aí, [com isso o professor tenta instigar o aluno pensar mais politicamente acerca do assunto discutido. A sair da inércia, e ir buscar ou pelo menos, refletir sobre as razões que levam ou levaram a TV, abandonar o assunto]. Vá pensando aí, A5?
58	A5: Rapaz, eu não estou achando nenhuma explicação.
59	Pa4: Diz A2, de repente o mês todo na televisão a seca. De repente pou acabou. E a seca acabou pra eles?
60	A2: Você vai pelo meio do mundo, por aí, tá dando milho lá em Pombal. O resto é só matagal, seco, seco, não tinha um pingão d'água, não.
61	Pa4: E tu A2, porque é que tu achas que deixaram de falar na TV?
	/.../
62	Pa4: E tu, por que será? Sr. A1 já deu a posição dele, né, e os outros por que será?
63	A5: Quando o assunto é importante, e a partir do momento que ele deixou de falar, é porque não tem importância, né. Pra eles, eu acho que (risos) o momento já passou, né. Deixou de falar, com certeza, né, deixou de ser importante.
64	Pa4: Quando se fala em seca tem um elemento importante, aí, né? A seca não é só mata verde, ou mata seca, falta d'água. Não tem alguma coisa aí no meio que é importante também, que é esse elemento que é mais importante aí dentro? Que sofre bastante por causa dessa falta d'água, dessa seca braba. Quem é que tá alí em A3? Vamos, homem, raciocine aí!

Ao responder sobre a “seca”, o aluno traz as questões peculiares de seu cotidiano e fornece novas informações, desta vez fazendo referência à “seca” como um instrumento de campanhas políticas, onde o descaso e a falta de interesse das autoridades inibem os esforços no sentido de solucionar o problema que massacra milhões de nordestinos. Com essa discussão, a questão da “seca” ganha novas dimensões, deixando de ser um fenômeno natural para ser um fenômeno puramente político.

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

Na aula 5, retomando a aula anterior, a professora mostra uma gravura com uma imagem de um alto edifício, onde podemos ver alguns homens sentados sobre uma barra de ferro. Nesse movimento, ela instiga os alunos a olharem a figura e dizerem o que pensam sobre a situação apresentada.

Aula 5

Contexto: Era o início da aula. Todos estavam atentos. A professora, de uma simpatia extremada, cumprimenta cada aluno, principalmente os retardatários. A sala está muito organizada. Todos tomam seus assentos e ela vai iniciando a aula e, aos poucos, vai recapitulando a aula passada.

Enunciado 33

9	Pa5: Pois é, e aí? A gente parou olhando, aí olhando as coisas, né? Vários substantivos, né? A gente registrou no caderno, não foi? E agora eu queria que a gente formasse um texto. Pensar quem são esses trabalhadores na verdade, da nossa gravura. São trabalhadores da construção? [alguns alunos balançaram a cabeça positivamente]. Então eu vou colocar aqui [escreve no quadro] os trabalhadores da construção. O que eles estão construindo mesmo, em gente? Vamos pensar.
---	---

E a situação de perguntas e resposta se instaura. À medida que os alunos vão, aos poucos, construindo um texto oral, a professora registra no quadro, até que um deles sugere que àqueles operários podem estar aposentados.

Enunciado 34

21	A4: Eu acho, que tá parecendo, com um grupo de aposentados ali, só.
22	Pa5: O Sr. não acha que eles estão muito novos, pra estarem aposentados, não?

E, imediatamente, continua a perguntar sem estabelecer uma relação direta seja feita com a aposentadoria, que, mesmo não sendo objeto da aula, surge como um subtópico informativo, relacionado ao tópico informativo “Prevenção de Acidentes”. Apesar de se mostrarem jovens, aqueles operários poderiam estar aposentados, por invalidez, causada por um acidente grave de trabalho. Embora este não fosse o momento adequado, esta questão poderia ser retomada, quando se falou diretamente em prevenção de acidente. Entretanto este tópico não é retomado

no decorrer da aula da semana seguinte, a qual deu continuidade ao assunto, numa perspectiva da execução dos primeiros socorros.

Essa forma, com que tem sido tratada a construção da informação interfere, a nosso ver, na concretização do pedagógico no PEZP, contradizendo um dos princípios norteadores do fazer pedagógico, o princípio da contextualização, cuja base central reside em discutir o tópico informativo, a partir da realidade concreta do aluno. Considerando situações reais do cotidiano do aluno, a questão da aposentadoria por invalidez poderá passar a ser um fato real, pela falta de uso dos equipamentos de segurança. Assim refletida, ampliaríamos a construção da informação, atingindo o outro princípio norteador – o da significação operatória, que consiste em desvelar o significado dessa informação para a vida cotidiana.

A construção da informação, estabelecida nesta ordem, parece não fornecer subsídios que contribuam para a formação de um sujeito crítico, participativo, social e político, como vem propondo a educação de Jovens e Adultos numa perspectiva de educação popular, já que não *oportuniza uma inter-relação nem um mútuo enriquecimento* (Souza, 1998, p. 24).

Por outro lado, apesar de essa construção em sala de aula ocorrer, algumas vezes, de modo superficial, também vai ser construída, a partir da elaboração oral e escrita do sujeitos, quando expõem os sentidos relacionados aos tópicos e subtópicos informativos. Nessa situação, cada grupo social pode construir e gerar novas informações, a partir do tópico informativo discutido, em sala, dos exemplos e das informações interacionalmente partilhadas. Essa atividade pode ser exemplificada com situações reais com as quais os sujeitos se deparam em sua cotidianidade. O conteúdo dessas informações (re)construídas mostra como esses sujeitos vêem e interpretam o mundo em que vivem. Os diálogos, a seguir, demonstram como essas informações vão sendo construídas em sala, a partir do respeito ao saber trazido pelos sujeitos do conhecimento. Na aula 1, a professora indaga aos alunos sobre o que é um “Ponto Turístico”, conforme nos revelam os turnos abaixo.

Enunciado 35

11	E: Vocês sabem o que é um ponto turístico, não sabem? Então, o que é um ponto turístico?
12	A2: Ponto turístico é um restaurante, né, cheio de gente, mesa com muita cadeira.

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

Nesse diálogo, verificamos que a estagiária dá espaço para que outras informações sejam criadas, através dos conceitos e representações que aos poucos vão sendo expressados, oralmente, pelos alunos, quando, por exemplo, ele identifica um ponto turístico como um restaurante cheio de pessoas, especificando, ou seja, um lugar onde as pessoas comem, bebem e se divertem.

Ao ouvir o sentido colocado pelo aluno acerca do que para ele é um ponto turístico, a estagiária retoma sua fala e dá ênfase ao que o aluno diz, utilizando a palavra lugar, explícito no turno 13.

Enunciado 36

13	E: É um lugar que atrai pessoas, e geralmente, essas pessoas a gente chama de turista, porque são pessoas que vêm de fora, de outro lugar para conhecer nossa cidade, certo? Então, aqui em João Pessoa, nós temos muitos pontos assim, que chamam à atenção das pessoas, que saem do Rio de Janeiro, às vezes, até de outros países para vir conhecer aqui em João Pessoa, e também no interior do Estado, como as praias, principalmente, as praias, que dizem ser praias muito bonitas. Quem pode me dizer nomes de praias bonitas, aqui da Paraíba?
----	--

Ao utilizar esse recurso linguístico, ao invés de um outro como o substantivo, a estagiária tenta ampliar o universo informacional do aluno, enfatizando que ponto turístico é qualquer espaço que tenha graça e beleza, e agrade aos olhos do outro, do visitante. Essa ênfase também se repete no turno 17, quando, por quatro vezes consecutivas, pronuncia a palavra “lugar” num único turno, como veremos no recorte a seguir:

Enunciado 37

17	E: O Hotel Tambaú é um local que chama muito a atenção dos turistas. É um ponto turístico. É um lugar onde as pessoas gostam muito de visitar, pra olhar, porque realmente é um lugar, um lugar muito bonito. Outro lugar que vocês acham bonito? Que conhecem, que já ouviram falar, e acham que é um ponto que chama a atenção das pessoas?
----	--

Essa forma de construção da informação vai-se delineando, durante todo o trajeto das aulas. No caso da aula 2, além dessa construção oral da informação, os alunos também vão compor suas representações, agora, através do registro escrito, que ocorre com o preenchimento do exercício intitulado “Lazer é...” (anexo 2b). Neste momento, os sujeitos

interagem com o ambiente, executam uma ação sobre o objeto e registram seu conhecimento anterior sobre o tópico informativo Lazer.

Ao exercitar a compreensão do tópico informativo através do registro escrito, o aluno desprende-se de sua limitação inicial – a falta de domínio da leitura e escrita, e mostra-se capaz de estender seu universo informacional, quando coloca para seus colegas o conhecimento acumulado através da escrita. Poderíamos dizer, então, que esse momento implica numa reconstrução da informação pelo aluno. Um momento em que ele interage com o grupo, apropriando-se de novas informações, sobretudo, quando as palavras são escritas incorretamente, e erradas, corrigidas, ou até mesmo quando amplia sua perspectiva conceitual como aconteceu nos turnos 13 e 17 da aula 1, em que a professora, discretamente, buscou ampliar o conceito de ponto turístico, substituindo o substantivo restaurante por lugar, repetindo-o várias vezes, como uma forma de fazer-se presente para o aluno.

O exercitar constante da leitura e da escrita, a partir de um tópico informacional e seus subtópicos, permite ao educando ampliar seu estado atual de conhecimento, a partir de informações socializadas em situações e contexto concretos, como acontecem nos diálogos ocorridos também nas aulas 3 e 4.

Na aula 3, ao discutir o tópico Saúde, a professora inicia sua discussão, de certo modo, obedecendo a uma circularidade de informação. Ela vai buscando a situação concreta dos sujeitos, para que possam atingir o objetivo central da aula e faz pergunta sobre as informações que cada aluno poderia ter conseguido, em sua cidade de origem, sobre a saúde. Nessa discussão, muitas questões foram levantadas, e as informações foram surgindo e subtópicos criados, até o tópico informativo da aula. No recorte a seguir, vemos uma construção do tópico informacional, também a partir do exercício individual da escrita.

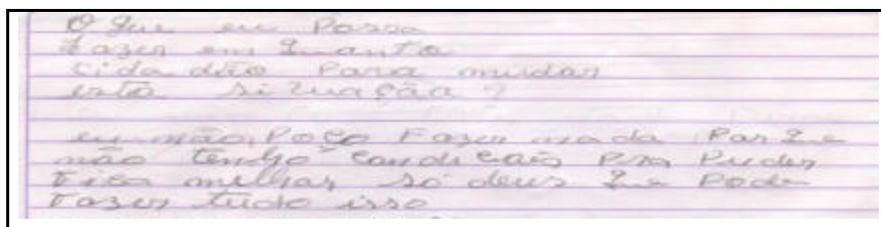
Enunciado 38

402	Pa3: Então, em Santa Rita, ele é aplicado dois mil duzentos e cinqüenta e oito reais e setenta e sete centavos, não sei se isto entra como pagamento dos profissionais, das pessoas que fiscalizam, né. Deve ser, eu não sei. Em Guarabira, em Guarabira, mil reais e noventa e oito centavos. Mari, quatrocentos e vinte e três reais. Em Gurinhém, duzentos e noventa e três reais. Caiçara, cento e quarenta e oito reais. Em Itapororoca, trezentos reais. Então a gente somando com o que Duas Estradas ganhou no mês de abril até o
-----	--

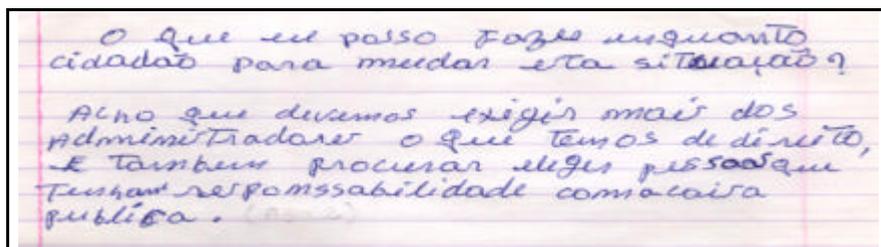
A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

	mês de outubro, nós temos um valor total de quinhentos e noventa e quatro reais e quarenta e oito centavos, certo? Agora nós vamos fazer um texto para responder a seguinte pergunta: O que eu posso fazer enquanto cidadão, para mudar esta situação?
--	--

O pedido da professora é atendido, e os alunos escrevem seus textos individuais, apesar do visível cansaço, dela e dos alunos. Ao término dessa construção, os alunos socializam seus conhecimentos entre si, possibilitando ampliar o nível informacional da turma, a partir de seu universo individual, conforme observamos nos textos seguintes:

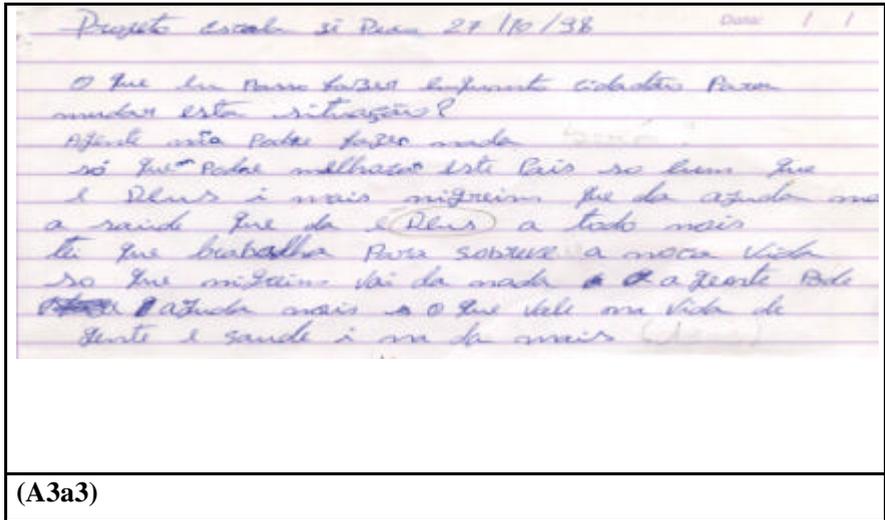


(A3a1)



(A3a2)

BERNARDINA J. FREIRE, MIRIAN AQUINO



Na aula 5, essa construção atinge um outro aspecto, em que tendo sido trabalhada a informação do sujeito individual, passa a ser construída a partir de um contexto coletivo, de acordo com o que apresenta a parte do diálogo a seguir:

AULA 5

Enunciado 39

1	Pa5: Vamos retomar nossa aula de quinta-feira, que a gente parou observando a gravura, e começamos a identificar o que tinha nela, todos os elementos, e nós colocamos aqui no quadro. Tinha coisa que eu não entendia, e a pesquisadora também não, como: platibanda, grua, né?
2	A1: Cabo de aço.
3	Pa5: Cabo de aço, eu já conhecia.
4	A1: Catarina
5	Pa5: Catarina? Catarina não, pelo que eu saiba, é nome de mulher. Mas o que é catarina mesmo?
6	A1: É essa corda, tem gente ... bom aonde eu aprendi a operar grua, isso aqui é catarina [apontando para a gravura]
7	Pa5: (Risos) Tá, esse negócio onde rola o cabo de aço
8	A1: É exatamente, isso mesmo. É, mas tem gente que chama /.../, né? Sr.... no final do cabo tem aquele montão de ferro, pra pra pegar né,

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

	<p> aí a onde eu trabalhava chamava catarina, a catarina quebrou.</p>
9	<p>Pa5: Pois é, e aí gente? Parou aí, olhando as coisas, né, vários é substantivos né, a gente colocou aqui [apontando para o quadro] a gente registrou no caderno, não foi? E agora eu queria que a gente formasse um texto. Pensar quem são esses trabalhadores, na verdade, da nossa gravura. São trabalhadores de quê? São trabalhadores da construção [alguns responderam afirmativamente com a cabeça], então eu vou colocar aqui [escreve no quadro] os trabalhadores da construção, o que eles estão construindo mesmo? Em gente? Vamos pensar?</p>
10	<p>A7: Um prédio</p>
11	<p>Pa5: Além de prédio, o que eles constroem?</p>
12	<p>A1: Constroem barragem, constroem ponte, constroem viaduto</p>
13	<p>Pa5: Não copiem agora não, deixem para copiar depois. Vamos discutir logo, certo? Em Sr. A5, estes camaradas aqui tão com cara de quem tá construindo o quê?</p>
14	<p>A1: Acho que esses camaradas tão com cara de que tão em greve.</p>
15	<p>Pa5: Em greve, será? Estão mesmo, todo mundo concorda que eles estão em greve aí, o companheiro aí tá realmente em greve?</p>
16	<p>A1: Bom, ele também pode tá se reunindo pra hora de almoço, que seja né.</p>
17	<p>Pa5: Em seu A2, o que o Sr. acha? Dá pra ver, ou a luz tá encandeando aí? Dá prá olhar? [o aluno gesticula que sim] Então o que será que esses trabalhadores estão fazendo?</p>
18	<p>A5: Tristonho</p>
19	<p>Pa5: Tristonho, o Sr. acha?</p>
	<p>/...../</p>
20	<p>A1: Será que esses camaradas não perderam o emprego, gente, e tão ali refletindo?</p>
21	<p>A4: Eu acho que tá parecendo com um grupo de aposentado ali, só.</p>
22	<p>Pa5: O Sr. não acha que eles estão muito novos pra estarem aposentados, não?</p>
	<p>/...../</p>
23	<p>Pa5: Mas, o que vocês acham mesmo. É um momento de parada pra almoço, eles estão tratando de uma greve?</p>
24	<p>A1: Exato. Eles tão de papel na mão, lendo né. Deve ser um informe né, leia, leia gente não deixe de lê não!</p>
25	<p>Pa5: Ah, tá, então o que é que eu coloco mais aqui [no quadro] trabalhadores da construção, que mais?</p>
25	<p>A4: Estão planejando uma greve.</p>
26	<p>Pa5: Repete e escreve no quadro “Os trabalhadores da construção civil estão planejando uma greve”.</p>
	<p>/...../</p>

BERNARDINA J. FREIRE, MIRIAN AQUINO

27	Pa5: Mas, por que essa greve?
28	A1: Eles tão com o salário baixo.
29	Pa5: A greve é só por causa do salário?
30	A1: Salário baixo.
32	A2: Ele querem receber agora, por semana
33	A1: Salário, pagamento semanal, horas extras 100%, café da manhã, cesta básica, vale transportes.
34	Pa5: Que mais, eles estão num lugar bem alto, e o que será que está faltando que os caras não estão usando?
35	A4: Ah, segurança.
36	Pa5: Ah, os equipamentos de segurança.
37	A1: Ah, os EPI's.
38	Pa5: Material de segurança [escreve no quadro montando o texto coletivo] além do material de segurança o que mais tá faltando aí?
39	A2: Capacete
40	Pa5: Já faz parte do equipamento de segurança
41	A1: Olhe, cinto, capacete tudo faz parte do EPI's tá tudo na NR 18.
42	Pa5: Além do material, o que está faltando segundo a NR 43 18 o que ela ainda assegura? Olhe as roupas deles.
43	A1: Ah, fardamento, eles querem fardamento.
44	Pa5: Material de segurança e fardamento, isso, vamos parar por aqui, porque se tivéssemos que pedir, pediríamos muita coisa né?
	/...../
45	Pa5: [Volta ao quadro onde está escrito] Os trabalhadores da construção civil estão planejando uma greve. A greve é por causa do salário, pagamento semanal, hora extra 100%, cesta básica, vale transporte, material de segurança e fardamento.
46	Pa5: Eles estão exigindo isto, mas tudo isto tá onde?
47	A2: Na NR 18
48	A1: Não só NR18 como também convenção coletiva, né?
49	Pa5: Pois é, mas a convenção coletiva está prá terminar né, mas a NR18 ela é uma coisa mais geral né? Então eles estão exigindo direitos que já estão na lei não é? Direitos assegurados por lei [vai ao quadro e complementa o texto com] “Eles querem os direitos que já estão assegurados por Lei”. Agora, antes de a gente começar aqui a registrar, vamos colocar um título nesse texto O que eu colocaria aqui em cima [apontando para o quadro] do texto como o título do texto. Texto sem título não pode, né?

Ao mostrar a gravura, a professora pede que, em conjunto, os alunos falem o que representa a gravura para eles. Ao fazer tal solicitação

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

ção, ela vai escrevendo no quadro as sugestões e representações dos alunos sobre a gravura. Juntos, formam o texto contido no turno 45 da seqüência da aula. Essa forma de construção da informação permite conceber o sujeito enquanto um sujeito sócio-interacionista, capaz de reelaborar novas informações, a partir do diálogo instaurado em sala de aula, em torno do tópico informativo, ou melhor, da interação sujeito-objeto, mas o sujeito realiza na ação para atingir seu objetivo. Essa condução construtiva permite que os sujeitos reflitam e mudem suas opiniões, com base na discussão coletiva, como vimos instauradas nos turnos 17 a 22 da seqüência. A apresentação do tópico localiza a ordem e a seqüência com que as informações serão transferidas.

Uma outra forma de construção da informação se estabelece, a partir da atribuição de sentidos, provenientes das discussões dos tópicos informativos. Um sentido que é construído durante o processo de interação entre os sujeitos e está assentado em múltiplos fatores contextuais como: conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, circunstâncias em que se desenvolve a conversação, pressuposições, etc. conforme nos assegura Rodrigues (1995).

Essa construção vai-se delinear, na construção de sentidos, ou de conceitos. Nessa ótica da construção de conceitos, em sala de aula, apesar de não trabalharmos na perspectiva de Vygotsky, ele nos oferece uma contribuição relevante que ajuda a entender que o desenvolvimento do pensamento verbal envolve duas Inhas básicas que implicam os conceitos cotidianos, (Vigostsky apud Tunes 1995) inspirados nas estruturas concretas do cotidiano e os conceitos científicos, cuja base consiste em relacionar uma palavra à outra, num processo de abstração, do ato de pensar.

Nessa construção da informação, os sujeitos constroem conceitos, que externalizam seu entendimento acerca de determinado tópico ou subtópico informacional. Nesta busca construtiva, procuramos extrair o entendimento dos sujeitos, durante a entrevista, relativo ao termo informação, como pode ser visto na fala de um dos professores que, ao ser entrevistado, expressou:

(...) Informação é mais aquela transmissão, assim, tipo a transmissão de conteúdo. (...) Informação é justamente, assim quando eu falo nessa transformação, nessa reconstrução, do que eles trazem, eu pego essa informação deles, acho que isso que eles [alunos] trazem, não dei-

xa de ser uma informação, e a gente junta, forma uma, uma a gente transforma essa informação, que às vezes ela pode até não estar completa. E a gente ajuda a transformar essa informação que eles trazem” (Pa2)

Como podemos perceber, a construção da informação está implícita no processo de ensino-aprendizagem, já que a escola é, por natureza, um espaço dessa construção que contribui para o processo de ampliação e construção também de conhecimento. Assim, na educação de jovens e adultos numa perspectiva popular, entendemos que apesar de o professor haver estabelecido um tópico informativo, esse mesmo tópico deverá ter sido elaborado, a partir das necessidades intrínsecas do grupo para o qual foi elaborado o conteúdo informativo, já que o professor se apresenta nesse processo como um intelectual orgânico (Paulo Freire), que organiza e amplia o conteúdo informativo, tendo por base o interesse e as informações socialmente adquiridas pelos sujeitos.

Lembrando o educador Paulo Freire, entendemos que *toda informação traz em si a possibilidade de seu alongamento em formação, desde que os conteúdos constituintes da informação sejam assenhoreados pelo informados e não por eles engolidos ou a eles simplesmente justapostos* (Freire, 1994, p.67). Nesse aspecto, percebe-se a função primeira do professor em contribuir para a transformação dos alunos, tornando-os mais conscientes de seu papel na sociedade, o que, a nosso ver, é possível dentro de uma pedagogia da informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, n. 8, v. 4, p.3-8. 1994.
- BELKIN, Nicholas J. The cognitive viewpoint in information science. *Journal Information Science*, v. 16, p. 11-15, 1990.
- BROOKES, B.C. The foundations of Informations Science. *Journal of Informations Science*, v. 2, p. 209-221, 1980.
- COULON, Alain. *Etnometodologia e educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- FREIRE, Paulo. *Cartas à Cristina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

A CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO EM SALA DE AULA

- MORIN, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. 2 ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1995.
- SCOCUGLIA, Afonso Celso. *A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1997.
- SOUZA, João Francisco de. Educação popular para o terceiro milênio: desafios e perspectivas. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) *Educação popular hoje*. São Paulo, Loyola, 1998. p 11- 36.
- TUNES, Elisabeth. Os conceitos científicos e o desenvolvimento do pensamento verbal. *Cadernos CEDES: implicações pedagógicas do modelo histórico cultural*. São Paulo: Papirus, 1995. (n.35).